

O DILEMA DO OBJETO BRASIL: REPENSAR O SOCIAL

- A arquitetura atual dos saberes científicos questiona a pertinência de “objetos de estudos abrangentes” não delimitados (ou construídos) pelas ciências. Esse tipo de questionamento é unilateral, pois se poderia também fazer o mesmo com os “recortes disciplinares”, cuja razão de ser está submersa num profundo processo de naturalização;
- Uma blindagem poderosa ao questionamento da disciplinarização científica são as corporações que se formam em torno de cada uma assim que as disciplinas são institucionalizadas e que fortalecem o processo de naturalização;
- Senso comum acadêmico, um exemplo no âmbito das ciências sociais: um entendimento que parece lógico é que os recortes disciplinares nesse campo foram surgindo na medida em que o todo foi ficando grande demais e inapreensível. Isso não corresponde à história dessas ciências. As ciências sociais surgem, antes que existisse uma ciência social única. Elas vão surgindo, muito em razão do acaso e das condições conjunturais do mundo europeu;
- Em meados do século XIX já havia um caldo de cultura que defendia e percebia a necessidade de se entender a realidade social produzida pelo humano. Não se sabia como e nem o quê, mas alguns aspectos da vida social como a produção, o comércio e o consumo mostraram-se passíveis de “serem objetivados”. E assim, isolou-se do todo social esses elementos que vieram a ser a base da economia. Já seguindo nesse momento um modelo de objetivação das ciências da natureza. Esse isolamento do todo social, podemos também designar como “dessocialização da economia”. Por isso, até hoje quando nos referimos às condições de um país falamos em condições (ou fatores) econômicos e sociais. Sendo o social tudo aquilo que não é econômico. E o econômico uma realidade autônoma de mesma estatura que o social; uma realidade que existe e opera em si, fora da sociedade e subordinado essa;
- O mesmo se deu com a demografia e outras. Quer dizer, aspectos dessocializados do todo social foram sendo estudados sem nenhuma previsão de se reunir e ressocializar esses estudos e assim chegamos ao quadro que sequer consegue definir as ciências do humano, nominando-as, sem nunca explicar o porque de ciências sociais e humanas e... humanidades. Por que plural, por que sociais e humanas?
- Essa forma de constituir um quadro múltiplo e distinto internamente precisa ser questionada, revista, pois ela nos faz pensar, como diz Edgar Morin, que existe uma realidade econômica em si, uma realidade sociológica em si, demográfica, política etc, quanto sabemos que o social é um todo complexo no qual posso enxergar dimensões, mas nunca as separar para “melhor estudá-las”. Ao fazer isso isolamos as dimensões de sua ordem de significação que é única: é o social;
- Fragmentar o todo social para entendê-lo é uma falácia epistemológica. É a crença que em cada pedaço uma maior simplicidade será encontrada. Esse tipo de interpretação levou o historiador Timothy Snyder (Judd; Snyder, 2014, p. 13) a caracterizá-la como um vício do pensamento. Diz ele que “a ânsia de insistir em que o complexo é só um disfarce para o simples foi uma das pragas do século XX”. Quer dizer: as coisas não seriam de fato ontologicamente complexas.

IEB0275 - Como pensar o Brasil hoje?

Jaime Oliva

- Logo, há tanta complexidade numa dimensão do social, como no todo social, isso porque não compreendo a dimensão sem a conexão com o todo. Nosso objeto é sempre o social e não mutilações dessa realidade. Assim, a pertinência de um objeto de estudo não depende de seu tamanho nem de sua escala. Toda a complexidade do todo social se mantém em cada uma de suas dimensões. Insistindo: não existe o econômico apartado do todo social, e sim o social como dimensão do todo social, cujo entendimento depende de manter essa conexão como contexto (a ordem de significação) que lhe dá sentido;

- Então, como sair dessa crítica e definir um rumo epistemológico para se pensar o Brasil? Nossa crítica afirma que o social é um objeto científico único e que as dimensões que posso identificar e sobre as quais posso aprofundar o entendimento, só são passíveis de interpretação se se mantiverem conectadas ao todo, se forem pensadas como dimensões que atravessam o todo (transversais), mas não são isoláveis, pois seu entendimento sempre exige o referenciamento ao todo;

- E o Brasil? Posso pensar o Brasil a realização material e imaterial (simbólica, ideológica) de uma totalidade social. Os Estados-nação modernos são a encarnação mais definível (não completa, não exclusiva e nem isolada) do *social*. O humano formou mundos específicos com territórios, populações estáveis e um conjunto complexo e próprio de características que os constitui. Mas, também com características que são comuns a todos os mundos. Esse conjunto que combina especificidade e universalidade chamamos mundo social, o social. E esse social contemporaneamente se corporiza no que denominamos, a princípio, como países (os Estados-nação modernos);

ALGUMAS PONDERAÇÕES PROVISÓRIAS

- Para passar das ciências sociais à ciência do social (uma ferramenta para estudar o Brasil de forma abrangente) é necessário não fazer do social o pano de fundo indiferente das ciências que estudam a vida dos humanos em sociedade, mas o colocar, ao contrário, como o início de toda a reflexão científica.

“Parte-se de uma totalidade para distinguir seus componentes significativos, o que nos leva à questão do círculo hermenêutico. Isso quer dizer que não se pode conhecer uma totalidade significativa sem identificar seus elementos, porém, como é óbvio, não se identificam os elementos relevantes de um conjunto significativo sem constituir uma totalidade prévia. Esse procedimento hermenêutico diz respeito à interpretação.” (Jaime Oliva)

Três proposições devem guiar essa proposição

1. O social existe (o Brasil existe, mesmo que as ciências disciplinares recusem em abordá-lo como uma realidade abrangente) mais abordá-lo necessita de refletir no método e nas ferramentas, incluindo na reflexão a linguagem que eu mobilizo para observá-lo;
2. O social é pensável através de uma série de conceitos, de teorias e de procedimentos (metodologias) que precisamos repertoriar, visto que até então fomos produzindo teorias e métodos para os estudos dos recortes;
3. O social evolui e se transforma. A ciência do social produz conhecimentos e a formação de atores que utilizam as tecnologias do social. A ciência do social não é um empreendimento especulativo, ela impregna cada uma de nossas ações e pode contribuir modestamente, mas firmemente para uma melhora da inteligência do social.